

Muralhas^{NR}

*Manuel Cambeses Júnior**

VISÃO SECESSIONISTA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Ao longo da História, a Humanidade tem evidenciado, sistematicamente, uma endêmica tendência em erigir muralhas. As mais antigas de que se tem registro são as de Jericó, remontam a cerca de 6 mil anos e estão descritas no livro de Josué (Velho Testamento).

Não existe cidade europeia medieval sem a existência de robustas e visíveis muralhas que o tempo, por vezes, encarregou-se de erodir. Para impedir que os bárbaros germânicos chegassem ao Império Romano, foram construídos vários muros fortificados. O mais conhecido é o Muro de Adriano, de 117km de extensão, que separava a bárbara Caledônia (atual Escócia) do resto da principal ilha britânica. Já o chamado "*Limes Germanicus*", na atual Alemanha, era constituído por 280km de muros, muitos apenas de terra.

Os romanos levantaram muros no norte da Inglaterra, o Muro de Adriano, e derrubaram grossas paredes na destruição de Jerusalém, no ano 70, segundo relato de Flavio Josefo, encarregado de escrever a crônica da guerra ao lado de Tito.

Faz mais de 20 séculos, os chineses construíram a Grande Muralha, a maior obra de fortificação da História humana, com seu total

de 2.600km, para impedir a entrada dos mongóis e manchus. Todavia, hoje ela tornou-se objeto da irresistível curiosidade de turistas que visitam o país.

A muralha tem sido uma constante na História. Na Península Ibérica, ficaram vestígios muito bem preservados. Em Ávila e em Lugo, na Espanha, elas se conservam quase intactas. Em Leon, Toledo, Barcelona, Tarragona e tantas outras cidades, os restos das muralhas fazem parte do itinerário turístico dos visitantes.

Na Antigüidade, a muralha era imprescindível para um castelo de certa importância. Elas existem praticamente em todas as capitais europeias. Entre o Marrocos e a Mauritânia foram construídas em forma de alambrado. De um modo geral, serviam para impedir a entrada de inimigos ou para controlar os movimentos daqueles que tentavam escapar à noite. Os israelenses levantaram um portentoso muro separando o país da Cisjordânia, para se protegerem dos ataques palestinos.

Constata-se que as muralhas apresentam variadas formas estéticas e arquitetônicas. Existem as de pedra bem trabalhada e as de argamassa, como a que foi construída em Berlim, após a Segunda Guerra Mundial.

Os franceses tentaram se proteger dos alemães, no período entre as guerras mundiais,

^{NR} A Defesa Nacional reuniu aqui, em seqüência, três artigos distintos mas correlatos do mesmo autor, pela atualidade e oportunidade.

* O autor é Coronel-aviador da reserva da Força Aérea; membro do Centro de Estudos Estratégicos da Escola Superior de Guerra e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

com um complexo defensivo conhecido como Linha Maginot. Mas essa muralha – um conjunto de fortificações de concreto – não cobria toda a fronteira. Em 1940, os alemães invadiram a França flanqueando a linha através da floresta das Ardenas, na Bélgica.

A última grande muralha está sendo levantada entre os estados do Sul dos EUA e o México. Ela terá mais de mil quilômetros de extensão e objetiva evitar a entrada massiva de cidadãos mexicanos em território estadunidense. O paradoxo dessa edificação está em que os EUA, a superpotência mundial, decidam construir uma imensa muralha para deter o passo de pessoas que buscam um horizonte vital mais digno ao norte do Rio Grande.

Os movimentos migratórios são inevitáveis neste tempo em que caíram fronteiras econômicas, culturais e sociais. É surpreendente que, enquanto os Estados Unidos, o México e o Canadá estejam dentro de uma mesma área econômica, o Nafta, as pessoas não possam se mover com total liberdade.

O mesmo vem ocorrendo no cenário europeu. É imprescindível que haja coerência nesse antipático tipo de ação secessionista porque nem todos podem viver e trabalhar em uma mesma parte do mundo. Entretanto, podemos vaticinar que, da mesma forma como se erigiu esta vasta e portentosa fronteira de concreto, ela será igualmente destruída, para assombro dos visitantes dos séculos futuros, que não compreenderão como, em plena era globalizada, se levantavam essas imensas e inexpugnáveis muralhas.

Desde a criação da muralha de Jericó até a edificação do Muro de Berlim, todas indefectivelmente caíram, e as que conseguiram se salvar, escapando da erosão pelo tempo, somente servem para alimentar a curiosidade dos historiadores e arqueólogos. Definitiva-

mente, podemos inferir que é totalmente impossível colocar-se, de forma exitosa, barreiras entre os homens.

O ISLÃ RADICAL E O MUNDO OCIDENTAL

Início este artigo fazendo uma distinção muito clara e diáfana. Certamente, não é a mesma coisa falar de árabes e de islamicos. O Islã é fundamentalmente árabe, porém nem todos os árabes são seguidores da Sharia, ou seja, a lei baseada nos textos sagrados. Existem árabes católicos, como os libaneses, e também árabes ateus e socialistas, como os que impuseram a revolução no Egito.

Da mesma maneira, encontramos islamicos na África e Ásia que não são etnicamente árabes. Entre os grupos muçulmanos, inclusive, constatamos diferenças muito pronunciadas. Há os verdadeiramente fiéis, seguidores das práticas do Corão, o livro sagrado do Islamismo, os que apregoam a espiritualidade e a paz e, ainda, o grupo mais radical, os extremistas, dementes que invocam o nome de Deus para perpetrar e justificar atos terroristas.

Dentre os grupos mais radicais, os que tomaram para si a Jihad, ou Guerra Santa, são os que desataram uma carnificina mundial. Cabe destacar que a palavra Jihad, em realidade, refere-se ao esforço de propagação do Islã no mundo, através do medo. As diversas interpretações desse pretenso dever de todo maometano são as armas que fomentam a guerra contra os “infiéis”.

Enquanto outras religiões fazem proselitismo pelos meios de convencimento pacíficos, certos grupos islamicos, especificamente os extremistas, se dedicam à tarefa de empreendê-la contra todo ímpio que cruze em sua frente, tornando-o alvo passível de ser eliminado se

não for convertido à sua fé. A recente agressão, desproporcional e grosseira, desse mundo fanático contra Bento XVI, portanto, não é de se estranhar. O papa, em discurso proferido na universidade alemã de Rogensburg, nada disse que já não soubéssemos. Abordou, em seu pronunciamento, que nenhuma fé poderia ser verdadeira se invocasse a morte, o terror, a irracionalidade violenta e a guerra como princípios.

Para isso, citou um diálogo entre o Rei bizantino Manuel II e um erudito persa sobre cristianismo e Islã, ocorrido durante o cerco a Constantinopla, entre 1394 e 1402, em que o imperador assevera: “Mostre-me, apenas, o que Maomé trouxe de novo, e então você vai achar coisas apenas más e inumanas, como sua ordem para espalhar, pela espada, a fé que ele pregava.”

É bem verdade que a Igreja Católica carrega o estigma de haver propiciado as Cruzadas, atos de guerra e de conquista que causaram muito dano ao Oriente Médio. Porém, a Igreja, na atualidade, é muito diferente da de 700 anos atrás. Hoje, entendemos a fé de forma muito distinta da que entendiam os homens de oito séculos passados. Ou seja, houve uma grande evolução nesse sentido.

Ao contrário, na contramão da História, os radicais muçulmanos simplesmente não evoluíram. Na concepção deles, o mundo é uma grande pedra estática. Exemplos desta afirmativa é a forma com que estes extremistas tratam as mulheres. Simplesmente elas não são vistas como pessoas e sim como propriedades.

Para esses radicais, a modernidade é vista como algo demoníaco, e o papa, evidentemente, passa a ser um dos objetivos maiores dessa fúria tresloucada.

Todo o escândalo armado em torno da malfadada caricatura de Maomé, publicada no diário dinamarquês *Jyllands-Postenna*, ou a

sentença de morte lançada contra o escritor Salman Rushdie, autor de *Versos Satânicos*, é um exemplo incontestado de seitas intoxicadas pela intolerância.

A Humanidade tem testemunhado, amiúde, as ofensas, a neurótica maneira de ver o mundo, o desprezo aos que não pensam como eles, o afã de sangue e ódio descarregado contra pessoas inocentes.

Algo que nos preocupa, sobremaneira, é observarmos que seitas extremistas começam a se infiltrar, sorratamente, e de modo insidioso, no mundo ocidental. E o que isso pressagia? Lamentavelmente, a cultura da morte, até que o mundo ocidental tome consciência da gravidade do problema e, inexoravelmente, atinja o limite extremo da suportabilidade humana.

Faz-se mister que nós, ocidentais, comecemos a nos defender, com veemência, contra essas doutrinas solertes e espúrias, eivadas de ódio incontido, antes que seja tarde demais.

EUA: PAÍS SATÉLITE?

Há algumas décadas, Dean Rusk, Secretário de Estado de John Kennedy e de Lyndon Johnson, pronunciou as contundentes palavras: “Israel tem demonstrado, com relativa frequência, que não é um país satélite dos Estados Unidos. É igualmente importante demonstrar que os EUA não são um satélite de Israel” (citado por Paul Findley, *They dare to Speak Out*, Wesport, 1985).

Mais impactante ainda foi a frase pronunciada em 1973 por William Fulbright, um dos patriarcas do Senado estadunidense: “A grande maioria do Senado dos Estados Unidos, em torno de 85%, se encontra à completa disposição de Israel” (citado por Paul Findley).

Não obstante, apesar da imensa influência do Governo israelense na definição das

políticas e estratégias para o Oriente Médio, o âmbito dessa influência se localizava essencialmente no Congresso norte-americano.

Sobre o tema, assinalava Steven Emerson: “*Reconhecendo a falta de respaldo popular à causa árabe, as sucessivas administrações presidenciais norte-americanas (...) adotaram uma política dual: cederam ao Congresso o âmbito das relações Estados Unidos-Israel, porém assumiram para si a responsabilidade de proteger os interesses das nações árabes moderadas*” (*The American House of Saud*, Nova York, 1985).

A forte influência de Israel sobre o Congresso norte-americano se exercia por intermédio do atuante *lobby* judeu nesse país. De acordo com Robert Trice: “*O Governo de Israel, tendo entrado em conflito aberto com as administrações de Johnson, Ford e Carter, recorreu, tradicionalmente, aos esforços a seu favor nas organizações judaico-americanas*” (*Domestic Interest Groups and Behavioral Analysis, Ethnicity and US Foreign Policy*, Nova York, 1981).

Por sua parte, Paul Findley, anteriormente citado, assim se referia: “*Na prática, o lobby israelense atua como uma extensão informal do Governo de Israel.*” O Comitê de Assuntos Públicos Americano-Israelense, mais conhecido pela sigla em inglês Aipac, constituía o epicentro desse *lobby*.

Sob sua coordenação se encontravam centenas de jornalistas judeus, estrategicamente posicionados nos principais meios de comunicação, além de dezenas de comitês de ação política, ou seja, aquela curiosa figura da política estadunidense encarregada de financiar

campanhas eleitorais. Operando sob o curioso mecanismo da prodigalidade e do garrote, a Aipac oferecia a primeira opção aos legisladores que apoiassem Israel e execrava, implacavelmente, aqueles que não se ajustassem a este tipo de ação.

Destarte, senadores de primeira linha, como William Fulbright, Adlai Stevenson III, Charles Percy, William Hathaway ou Robert Jepson, perderam seus mandatos graças à ação e influência da Aipac.

A relação simbiótica entre o Estado de Israel, a Aipac e o Congresso norte-americano não sofreu mutações com o passar dos anos. A imprensa e o dinheiro seguem apoiando os legisladores amigos e destruindo os inimigos. O que mudou, em verdade, foi a correlação Casa Branca-Congresso com respeito a Israel.

A partir do segundo mandato de George Bush, o Poder Executivo se colocou também nas mãos de Israel. As causas dessa postura encontramos no interior do Partido Republicano. A Direita Cristã, o setor de maior poder entre os republicanos, forjou uma aliança estratégica com Israel.

Por sua vez, os neoconservadores, força mais influente na política externa estadunidense durante o primeiro período Bush, respaldam incondicionalmente Israel (quicá porque a maioria deles são de origem judia).

Se Dean Rusk estivesse vivo, certamente comprovaria que a premissa “*Estados Unidos, satélite de Israel*” já não admite dúvidas. A invasão do Iraque gerou fortes suspeitas a esse respeito, e, recentemente, o Líbano as confirmou.

